



CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

TIAGO MOISÉS LOPES

-

***POEMA DE SETE FACES & COM LICENÇA POÉTICA:
SOB O VIÉS DA INTERTEXTUALIDADE***

Guarabira – PB

2014

TIAGO MOISÉS LOPES

POEMA DE SETE FACES & COM LICENÇA POÉTICA:
SOB O VIÉS DA INTERTEXTUALIDADE

Artigo apresentado em cumprimento aos requisitos para obtenção do grau de Licenciado em Letras, à Universidade Estadual da Paraíba – Campus III, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Maria Suely da Costa.

GUARABIRA – PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

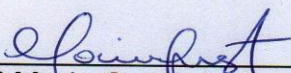
L864h	<p>Lopes, Tiago Moisés</p> <p>Poema de sete faces e com licença poética [manuscrito] : sob o viés da intertextualidade / Tiago Moisés Lopes. – Guarabira: UEPB, 2014.</p> <p>16 p.</p> <p>Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Universidade Estadual da Paraíba.</p> <p>“Orientação Prof^a. Maria Suely da Costa, Departamento de Letras”.</p> <p>1. Poesia. 2. Intertextualidade 3. Leitura Comparativa I. Título.</p> <p>22.ed. CDD 808.1</p>
-------	---

TIAGO MOISÉS LOPES

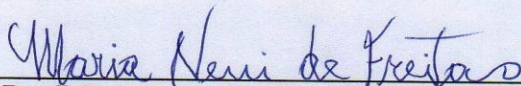
**POEMA DE SETE FACES & COM LICENÇA POÉTICA:
SOB O VIÉS DA INTERTEXTULIDADE**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Graduação de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em Letras.

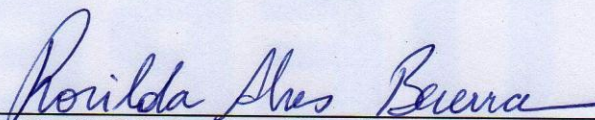
Aprovado em 18 / 07 2014



Profª Drª Maria Suely da Costa/ UEPB
Orientadora



Profª Drª Maria Neni de Freitas/ UEPB
Examinadora



Profª Drª Rosilda Alves Bezerra/ UEPB
Examinadora

POEMA DE SETE FACES & COM LICENÇA POÉTICA: SOB O VIÉS DA INTERTEXTUALIDADE

RESUMO

Trata-se de uma leitura comparativa dos poemas “Poema de sete faces” de Carlos Drummond de Andrade e “Com licença poética” de Adélia Prado, tendo por foco a teoria da intertextualidade explícita. Para isso, buscaremos apontamentos teóricos em Koch (2008), Perrone Moisés (2005) e Sant’Anna (2007). Ambos os textos apresentam uma temática pautada pela visão da insatisfação, através de pontos em comum como o abandono, a indiferença e a solidão. Há ainda a presença de uma crítica social marcada no discurso. Portanto, os poemas têm aspectos reveladores de um “diálogo entre si”, resta discutir que elementos concorrem para a distinção, ou singularidade, de cada na produção de sentidos.

Palavras-chave: Poesia. Intertextualidade. Leitura comparativa.

Introdução

As próprias ideias nem sempre conservam
o nome do pai, muitas vezes aparecem
órfãs, nascidas do nada e de ninguém, cada
um pega delas, verte-as como pode e vai
levá-las a feira onde todos a tem por suas.
Machado de Assis.

Este trabalho traz uma leitura comparativa dos poemas "Poema de sete faces", de Carlos Drummond de Andrade, publicado na obra *Alguma poesia* (1930) e “Com licença poética” de Adélia Prado, publicado na obra, *Bagagem* (1993). O objetivo está em verificar, na estrutura poética de cada poema, os aspectos que tendem a veicular um diálogo entre ambos os textos. Para esse fim, buscaremos subsídios teóricos em apontamentos de Koch (2008), Perrone Moisés (2005) e Sant’Anna (2007), dentre outros estudiosos que tratam da intertextualidade, um

princípio possível de se identificar nos textos poéticos citados, possibilitando que se estabeleça um diálogo entre si.

Compreendendo a literatura como um campo em que a linguagem requer uma análise mais cuidadosa, por ser uma área de difícil entendimento pelo modo como a linguagem é posta, buscaremos desenvolver uma leitura à luz da intertextualidade explícita, uma vez que esta se apresenta como um importante recurso de linguagem que evidencia o caráter multifacetado e dialógico do discurso, que pode ser verificado através da leitura comparativa entre duas ou mais obras da mesma área do conhecimento.

Pensar em intertextualidade exige de certa forma retomar o conceito dado pelo pensamento bakhtiniano, o dialogismo - princípio constitutivo da linguagem do qual se derivam, em síntese, duas noções: o diálogo entre interlocutores e o diálogo entre textos. O dialogismo é um princípio que considera, a partir do pressuposto teórico da interação, a presença do outro no processo comunicativo, quer dizer, na enunciação, aqui entendida como produto da interação verbal, de forma a linguagem ser considerada dialógica. Nessa perspectiva, Bakhtin (1992, p. 123) observa que

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Assim, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala, uma vez que ele responde, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções, procura apoio, etc. de modo que o diálogo, tanto exterior, na relação com o outro, como no interior da consciência, ou escrito, realiza-se na linguagem, quer seja em relações dialógicas que ocorrem no cotidiano, quer sejam em textos artísticos ou literários. Segundo Brait (2000), para precisar teoricamente o conceito bakhtiniano de dialogismo, é necessário analisar o princípio heterogeneidade, a ideia de que a linguagem é heterogênea, isto é, de que o discurso é construído a partir do discurso do outro, que é o “já dito” sobre o qual qualquer discurso se constrói.

O dialogismo bakhtiniano designa a escritura ao mesmo tempo como subjetividade e comunicabilidade, ou, melhor dizendo, como intertextualidade. A intertextualidade, nesse sentido, torna-se um recurso próprio ao discurso. No caso específico do discurso literário torna-se um importante componente estilístico de enriquecimento da escrita literária. Esta se confirma na literatura pelos temas retomados, eternizando e contribuindo para uma nova feição aos mitos e às emoções humanas, comprova que os textos se completam e se inter-relacionam.

A respeito da intertextualidade, Fiorin (2003, p.30) afirma:

A intertextualidade é o processo de incorporação de um texto em outro, seja para reproduzir o sentido incorporado, seja para transformá-lo. [...] é o processo em que se incorporam percursos temáticos e/ ou percursos figurativos temas e/ou figuras de um discurso em outro.

Assim, um texto tende a ser voz que dialoga com outros textos, mas também funciona como eco das vozes de seu tempo, da história de um grupo social, de seus valores, crenças, preconceitos, medos e esperanças. De forma que a linguagem poética aparece como um diálogo de textos, cuja sequência se faz em relação a uma outra proveniente de um outro *corpus*, de maneira orientada tanto para evocação de uma outra escrita como para o ato de intimação, e transformação dessa escrita. Com efeito, as relações intertextuais evidenciam que o texto literário não se esgota em si mesmo: pluraliza seu espaço nos paratextos; multiplica-se em interfaces; projeta-se em outros textos.

Breve contextualização literária dos autores e obras

O poeta Carlos Drummond de Andrade nasceu em Itabira- MG, o ano de 1902, e faleceu em 17 de agosto de 1987, no Rio de Janeiro. Tornou-se, pelo conjunto de sua obra, um dos principais representantes da literatura brasileira do século XX. Em 1925, foi co-fundador do periódico *A Revista*. Em 1930, publicou sua primeira obra “Alguma Poesia” um marco para a segunda fase do Modernismo. Em

1933, mudou-se para o Rio de Janeiro, foi simpatizante de movimentos socialistas e escreveu para jornais.

Seus poemas abordam assuntos do dia a dia, e contam com uma boa dose de pessimismo e ironia diante da vida. Em suas obras, há ainda uma permanente ligação com o meio e obras politizadas. Os temas que aparecem com mais frequência em sua produção poética são: o desajustamento do indivíduo, a monotonia da vida, a nostalgia do passado, os obstáculos que a vida oferece, a preocupação sociopolítica, a angústia diante da morte, a própria poesia e a falta de perspectiva do homem. Dentre suas obras poéticas mais importantes destacam-se: “Brejo das Almas”, “Sentimento do Mundo”, “José”, “Lição de Coisas”, “Claro Enigma”, “Fazendeiro do Ar”, “A Vida Passada a Limpo”, “Novos Poemas”.

O “Poema de Sete faces”, objeto de nossa leitura, foi publicado em seu primeiro livro “Alguma Poesia” de 1930. Este período é marcado por conflitos internos e momentos históricos, como a queda da bolsa de Nova Iorque em 1929, Crise Cafeeira da década de 30, Revolução de 1930 e Revolução Constitucionalista de 1932. No contexto cultural e literário, estes acontecimentos exigiram um amadurecimento e uma nova postura por parte de artistas e escritores brasileiros. No campo da poesia, o aspecto formal do verso livre caracterizou-se como um recurso para exprimir sensibilidade do novo tempo. Segundo estudos de sua poesia, era isso que o poeta Carlos Drummond buscava quando disse que seria *gauche* (torto) na vida, passando a observar os acontecimentos da época a sua maneira.

A poetisa Adélia Prado, Adélia Luzia Prado Freitas nasceu em Divinópolis, Minas Gerais, no dia 13 de dezembro de 1935. Em 1950, escreve os primeiros versos. Depois, logo no ano seguinte, começa o curso de magistério e passa a lecionar. Ficou conhecida na literatura brasileira pelos poemas que valorizavam a mulher e falavam da fé cristã. Depois de 24 anos trabalhando como professora, a carreira na literatura passou a ser a sua principal atividade. A escritora teve o apoio do importante poeta mineiro, Carlos Drummond de Andrade, que conhecendo seus poemas, sugeriu que fossem publicados. Assim, o seu primeiro livro *Bagagem* é lançado em 1976.

Adélia Prado é classificada pelos estudiosos de sua obra como uma escritora da literatura contemporânea. Com vocabulário simples e linguagem coloquial, seu estilo poético é caracterizado por um lirismo de traço leve e suave

marcante. Assim como Drummond, a poetisa ficou conhecida por retratar o cotidiano, porém distingue-se do poeta por possuir um encanto norteado pela fé cristã e permeado pelo aspecto lúdico. Além disso, destaca-se o olhar feminino em uma produção literária cuja perspectiva da mulher sempre aparece em primeiro plano. Segundo crítica, a poetisa busca o equilíbrio entre o feminino e o feminismo, evitando conflitos dessa natureza em suas obras.

A intertextualidade como princípio estruturador

Segundo Antonio Candido (1977, p. 117-178) “a ideia só existe como palavra, porque só recebe vida, isto é, significado, graças à escolha de uma palavra que a designa e à posição desta na estrutura do poema”. Desse modo, é possível compreender que o texto poético, mais do que o discurso ordinário, se faz atravessado por outros, tornando-se, por isso, múltiplo, multifacetado e heterogêneo.

Tendo por referência os textos “Poema de sete faces” e “Com licença poética”, verifica-se que o poema de Adélia Prado apresenta uma estrutura temática que dialoga com o poema drummoniano, de modo que o recurso da intertextualidade, na sua forma de paródia, é prontamente identificado pelo leitor conhecedor do texto anterior. Segundo Koch (2008, p. 45), o recurso intertextual tende a “levar o interlocutor a ativar o enunciado original, para argumentar a partir dele; ou então, ironizá-lo, ridicularizá-lo, contraditá-lo, adaptá-lo a novas situações, ou orientá-lo para um outro sentido, diferente do sentido original”.

Segundo Koch (2008, p.28),

A intertextualidade será explícita quando, no próprio texto, é feita menção à fonte do intertexto, isto é, quando um texto ou um fragmento é citado, é atribuído a outro enunciador; ou seja, quando é reportado como tendo sido dito por outros generalizadores.

Nesse sentido, o interlocutor sempre que se depara com um texto pela primeira vez precisa buscar em sua mente qual a relação que esse texto faz com outros, para assim, o leitor abstrair o que o texto quer passar em seu interior. Quer dizer que é preciso que exista a presença do intertexto para isso. O leitor utiliza-se da intertextualidade para conseguir entender o texto em sua totalidade, isso é feito

sem que o leitor perceba por meio da relação da obra com suas próprias experiências vivenciadas.

Umberto Eco (2003) defende que a intertextualidade pode funcionar como um roteiro de leitura quando o leitor é capaz de saborear as citações explícitas e implícitas propostas pelo autor. Dentre os recursos intertextuais, Sant'Anna (2007 p. 12) "define a paródia como um jogo intertextual, mantido por uma relação antagônica com o texto original". Portanto, o novo texto desconstrói e desvirtua o pensamento do autor, sem, contudo, perder a identidade do texto fonte. Sendo assim, paródia e intertextualidade podem ser integradas como recursos estéticos e críticos. Dentre a produção literária contemporânea de escritoras brasileiras tem-se identificado o uso da paródia como uma forma de contestação ideológica.

De acordo com Perrone Moisés (2005, p.68);

Entende-se por intertextualidade este trabalho constante de cada texto com relação aos outros textos, esse imenso e incessante diálogo entre obras que constitui a literatura. Cada obra surge como uma voz (ou um novo conjunto de vozes) que fará soar diferentemente as vozes anteriores, arrancando-lhes novas entonações.

Assim, um texto não existe por si só, ele apresenta resquícios de outros textos (quer dizer palavras) em seu interior, ou seja, os textos estão em constante diálogo com outros textos.

Tomando como referência os poemas da escritora contemporânea Adélia Prado e o moderno Carlos Drummond de Andrade, a leitura a seguir, sem pretensão de esgotar os possíveis sentidos presentes nos textos, interessa apontar alguns pontos de encontros e desencontros, de forma indicar o aspecto intertextual e suas relações de sentido.

Adélia Prado, no poema "Com licença poética", estabelece uma paródia ao poema de Drummond, que é percebível no próprio título do poema, que anuncia um pedido de licença para entrar no universo do poeta e, assim, inverter o sentido do "Poema de sete faces".

Estruturalmente organizado em sete estrofes, o poema de Drummond dá ideia de sete partes, ou melhor, sete fragmentações do eu, sendo assim, cada uma das estrofes pode ser postas de forma isolada, criando imagens que se referem a

um tipo de eu fragmentado. Por sua vez, o poema de Adélia está estruturado em uma única estrofe, pontuando uma certa totalidade.

Vejamos os poemas em questão:

<p>Poema de sete faces</p> <p>Quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: Vai, Carlos! ser gauche na vida.</p> <p>As casas espiam os homens que correm atrás de mulheres. A tarde talvez fosse azul, não houvesse tantos desejos.</p> <p>O bonde passa cheio de pernas: pernas brancas pretas amarelas. Para que tanta perna, meu Deus, pergunta meu coração. Porém meus olhos não perguntam nada.</p> <p>O homem atrás do bigode é sério, simples e forte. Quase não conversa. Tem poucos, raros amigos o homem atrás dos óculos e do bigode.</p> <p>Meu Deus, por que me abandonaste se sabias que eu não era Deus se sabias que eu era fraco.</p> <p>Mundo mundo vasto mundo, se eu me chamasse Raimundo seria uma rima, não seria uma solução. Mundo mundo vasto mundo, mais vasto é meu coração.</p> <p>Eu não devia te dizer mas essa lua mas esse conhaque botam a gente comovido como o diabo.</p> <p><i>Carlos Drummond de Andrade</i></p>	<p>Com licença poética</p> <p>Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira. Cargo muito pesado pra mulher, esta espécie ainda envergonhada. Aceito os subterfúgios que me cabem, sem precisar mentir. Não sou tão feia que não possa casar, acho o Rio de Janeiro uma beleza e ora sim, ora não, creio em parto sem dor. Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina. Inauguro linhagens, fundo reinos -- dor não é amargura. Minha tristeza não tem pedigree, já a minha vontade de alegria, sua raiz vai ao meu mil avô. Vai ser coxo na vida é maldição pra homem. Mulher é desdobrável. Eu sou.</p> <p><i>Adélia Prado</i></p>
--	--

Já de início, nos dois poemas, observam-se as formas verbais em primeira pessoa e a presença do anjo, a quem é dado o poder de anunciar a vida do eu-lírico: “quando nasci, um anjo torto desses que vivem na sombra disse: vai, Carlos! ser *gauche* na vida” (ANDRADE, 2003). “Quando nasci um anjo esbelto, desses que tocam trombeta, anunciou: vai carregar bandeira” (PRADO, 1993).

O “anjo torto” que “vive nas sombras” é transformado em “anjo esbelto”, que não mais vive na sombra, toca a trombeta e não anuncia ser o eu-lírico alguém que será “*gauche* na vida”, mas ao contrário, vai carregar bandeira, podendo ter uma posição de destaque.

No “Poema de sete faces”, o eu-lírico é apresentado como injustiçado diante do mundo e do abandono de Deus, no qual, a fala do anjo é posta: “vai ser *gauche* na vida”. Ao passo que, no poema “Com licença poética”, o eu-lírico é apresentado como um sujeito com missão a realizar, conforme a previsão do “anjo esbelto”.

Nota-se que os dois poemas apresentam a mesma temática, pautada por um sentimento de insatisfação com a realidade da qual faz parte, através dos sentimentos de indiferença, solidão e abandono. Isso tudo causado por decepções vivenciadas por eles (o eu-lírico). É certo que os poemas apresentam pontos afins, tais como a forma autobiográfica, a noção de insatisfação experimentada, com foco para o abandono e a solidão. Entretanto, o primeiro é de autoria masculina e trás um eu-lírico masculino, o segundo é de autoria feminina e trás um eu-lírico também feminino, o que de antemão já justifica a constituição de uma visão diferente de mundo.

Já a partir da primeira estrofe tem-se a característica de proximidade logo reconhecível por um leitor atento e conhecedor da intertextualidade explícita, no caso, a paródia, que é um recurso presente na intertextualidade, com fins específicos como é apontado por Bakhtin (1997), em ser a paródia “o mundo às avessas” tal qual espelhos deformantes que alongam, reduzem e distorcem em diferentes sentidos e em diferentes graus.

O poema de Drummond apresenta um eu-lírico masculino e insatisfeito com sua realidade, mas fraco, e questionando a Deus sobre sua condição perante a sociedade, na qual ele está inserido, quer dizer, um eu-lírico pessimista. No entanto, apenas questiona a respeito de sua existência para com “Deus” sem nenhuma possibilidade de mudá-la.

Na segunda estrofe, do poema de Drummond, o eu-lírico é apresentado como um ser que é influenciado pelos seus desejos sexuais, e percebemos a presença de metáforas, que é um tipo de figuras de linguagens bastante usado na estruturação de poemas. Já nas terceira e quarta estrofes, o eu-lírico é solitário, e vive isolado das pessoas, e por isso, questiona as coisas.

É perceptível que o eu-lírico apresenta fatos sociais da época, portanto, justifica-se a insatisfação, sendo um ponto marcante da época em que o poema de Drummond foi escrito. Na quinta estrofe o eu-lírico questiona a Deus e mostra sua fraqueza. Enquanto, na penúltima estrofe, o eu-lírico tende a discutir a solução de seu mundo gauche, de anjos tortos, sem Deus, de tantas pernas coloridas e também de outras tantas máscaras que se fazem rostos. Contudo, semelhante à incapacidade da rima em dar uma solução ao mundo, o eu-lírico também não vê muito que fazer, a não ser reconhecer que o seu coração seria capaz de dar conta desse mundo. Portanto, o anjo do poema de Drummond é um ser das trevas e pessimista, enquanto o poema de Adélia o anjo é um ser de luz e otimista, terminando de maneira positiva o poema.

Ao contrário da imagem pessimista do narrador masculino do poema de Drummond, o feminino de Adélia é positivo e não encara a dor como amargura. Ela aceita o seu papel de reprodutor, afirma “cumprir a sina”, e aceitar os subterfúgios que lhe cabem, porém “sem precisar mentir”. Revela uma forma de agir consciente, ao afirmar “...o que sinto escrevo. Cumpro a sina. /Inauguro linhagens, fundo reinos”.

Assim, os dois poemas trazem uma temática pautada na crítica social, o eu-lírico (masculino e feminino) transmite ao seu modo certo repúdio as atitudes dos outros, assim também possibilitam uma reflexão questionadora a respeito das atitudes que deverão ser tomadas para mudar essa realidade vivenciada. O uso de linguagem subjetiva, a fragmentação da forma, o uso de figuras de linguagem, são recursos utilizados cada qual ao seu modo pelos poemas. Ao passo que o poema de Drummond trata de um ser humano em que questiona sua realidade como um autorretrato, quer dizer que ele apresenta seu ponto de vista com relação à sociedade como sendo apenas mais um na multidão que está impedido de seguir certos impulsos, sem ter nenhuma forma de apoio, nenhuma forma de liberdade, privado de qualquer recurso, a poesia de Adélia Prado, de forma dramática e irônica, expressa a fragilidade da mulher, na condição dos "subterfúgios" que lhe cabem, tais como casar-se, ter filhos, ser dona de casa, mas ao mesmo tempo exalta a capacidade de aceitar a sua condição perante a sociedade na qual ela está inserida, uma sociedade machista e prepotente.

É visível que a condição feminina se positiva na relação distinta do qualificativo “torto/esbelto”. No quinto verso do poema, aparece a caracterização da mulher como “espécie ainda envergonhada”, demonstrando o rompimento gradual

das amarras da antiga condição feminina, ainda ligada aos papéis estabelecidos pela sociedade machista. No final do poema, a ela é dada uma posição diferente, como se pode verificar nos versos: “Vai ser coxo na vida é maldição pra homem./Mulher é desdobrável. Eu sou”. Ou seja, a mulher é posta como flexível e pronta para se adaptar e reinventar, não aceitando o destino marginal que lhe foi dado. Aqui, pode-se dizer que a poetisa formula uma crítica com relação à posição história da mulher na sociedade, colocando a mulher como otimista em relação aos valores sociais para com a figura feminina. Outro ponto de relevo, possível de associar-se ao sentido do texto, diz respeito à condição da mulher escritora na sociedade em que sempre coube ao homem o espaço de destaque. Neste poema, *Adélia* tende a criar a imagem de uma "mulher-poeta" forte e pronta para obter uma posição de destaque. É válido lembrar que na literatura brasileira, a poetisa Adélia representou a revalorização do feminismo e da mulher como ser pensante.

No poema de Adélia, portanto, é perceptível a desconstrução do poema Drumondiano, pois ele dialoga em sentido contrário ao mesmo. Dessa forma, a condição intertextual pode ser entendida, num sentido mais amplo, pois é evidente a presença de uma perspectiva estética e sociológica construída em sentido adverso, dando um novo sentido ao poema, quer dizer, o eu-lírico é apresentado de maneira às avessas. Ao passo que o poema de Drummond é terminado de forma pessimista, o poema de Adélia Prado mostra um eu-lírico disposto a mudar sua realidade, quer dizer que há esperança, então produz uma imagem de otimismo para o leitor/ouvinte.

Considerações Finais

A leitura comparativa entre o “Poema sete faces” de Drummond e o poema “Com licença poética” de Adélia Prado, pelo viés da teoria da intertextualidade explícita, denominada paródia, leva-nos a identificar que os dois poemas mantêm uma proximidade logo observada no título do poema de Adélia Prado, uma forma de o eu-lírico pedir licença ao texto anterior para desconstruí-lo, tendo-o como base para sua estruturação.

A intertextualidade é instantaneamente perceptível logo nos primeiros versos. Verificamos que ambos os poemas são marcados pela presença de simbologias: o anjo de Adélia Prado é esbelto enquanto que o anjo drummoniano é torto e “desses que vivem na sombra”. O poema de Adélia Prado evidencia a superioridade feminina em relação à fraqueza masculina. Enquanto o poema de Drummond expõe os desejos sexuais desenfreados dos homens, o da Adélia apresenta o poder feminino em resolver os problemas da vida sem precisar se embriagar. Drummond cobra a razão de seu abandono por Deus e Prado afirma que a dor não é amargura.

No “Poema sete faces”, o eu-lírico masculino é apresentado como pessimista, insatisfeito e condicionado a sua realidade, já em “Com licença poética”, ao contrário, há a presença de um eu-lírico feminino disposto a mudar sua condição atual, ao demonstra ser otimista e esperançoso em relação a sua condição feminina.

Portanto, apesar de muitos próximos, os poemas apresentam aspectos bastante distintos que chamam a atenção. Os resultados verificados demonstram a importância do método estrutural, bem como a intertextualidade na forma de paródia, característica relevante da poesia moderna/contemporânea e uma forma de unir estrutura estética e história. Aspecto este bastante relevante para se pensar em um ponto que adquire destaque na relação entre os poemas: o fato de o primeiro ser de autoria masculina e trazer um eu-lírico masculino e o segundo ser de autoria feminina e trazer um eu-lírico também feminino, o que de antemão já justifica a constituição de uma visão diferente de mundo. Tem-se aqui um aspecto relevante para se pensar também a questão da mulher na sua condição de ser excluída da escrita em função da sempre existente predominância masculina na literatura.

Para além dessa relação com a poesia de Drummond, ao que parece Adélia cria a imagem de uma mulher-poeta forte e pronta para obter uma posição de destaque na literatura brasileira, uma vez que o desafio maior do poeta é o de dar sentidos especiais às palavras, demonstrando a maneira como ele vê o mundo, como estabelece um contato e uma inter-relação com o mesmo.

O poema de Adélia e relação ao poema de Drummond sua estrutura é bem diferente, enquanto o poema de Drummond é composto de estrofes e o poema de Adélia não tem estrofes apenas versos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE C, Drummond. *Alguma Poesia*. Rio de Janeiro. Record. 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. São Paulo, 8ªed. Ed. 34, 1997.
- BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Trad. Paula Bezerra, 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- _____. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6.ed. São Paulo: Hucitec, 1992.
- BRAIT. B. **Anotações em sala de aula**. São Paulo: PUC, 2000.
- ECO, Umberto. **Ironia intertextual e níveis de leitura**. In: ECO, Umberto. Sobre literatura. 2ª. ed. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FIORIN, José Luiz. **Polifonia textual e discursiva**. In: BARROS, Diana L. Pessoa de;
- FIORIN, José Luis (org). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. São Paulo: USP, 2003.
- KOCH, Ingedore G. Vilaça, Anna Christina Bentes, Mônica Magalhães Cavalcante. **Intertextualidade: Diálogos possíveis**. ed.2. Ed. Cortez. São Paulo. 2008.
- PERRONE MOISÉS, Leyla. **Texto, crítica, escritura**, ed.3, Editora: Martins Fontes, São Paulo, 2005.
- PRADO, A. **Bagagem**. São Paulo: Siciliano. 1993.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. **Paródia paráfrase & Cia**, ed.8, Ed. Ática, São Paulo, 2007.

ABSTRACT

This paper presents a comparative reading of the "poema de sete faces" by Carlos Drummond de Andrade and "Com licença poética" Adélia Prado, with the focus on explicit theory of intertextuality. For this theoretical approaches seek to Koch (2008), Perrone Moisés (2005) and Sant'anna (2007). Both texts have a thematic guided by the vision of dissatisfaction through commonalities in the abandonment, indifference and loneliness. There is also the presence of a marked social criticism in the speech. Therefore, the poems are revealing aspects of a "dialogue among themselves," must discuss what elements contribute to the distinction or uniqueness of each to produce senses.

Keywords: Poetry. Intertextuality. Comparative reading.